

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 9 | Nº 25 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5768334>



O MÉTODO CIENTÍFICO MARXISTA SOB A PERSPECTIVA FEMINISTA DE HELEIETH SAFFIOTI

*Sara Cristina Martins da Silva**

Resumo

O método científico marxista, para além de uma teoria formulada por Karl Marx para compreensão da organização da sociedade capitalista, é também, desde sua formulação, um instrumental para a produção da pesquisa social crítica. Sendo assim, este ensaio se propõe a explorar a importância da abordagem materialista-histórica para a produção científica de Heleieth Saffioti, pesquisadora feminista pioneira na investigação das relações de gênero no Brasil, cuja base teórica lançada tem grande impacto nas ciências sociais, especialmente para os debates de gênero, classe social e raça.

Palavras chave: Heleieth Saffioti. Feminismo. Marxismo. Método.

Abstract

The Marxist scientific method, in addition to be considered a theory formulated by Karl Marx for the understanding of the organization of capitalist society, has also been, since its formulation, an instrument for the production of critical social research. Therefore, this essay aims to explore the importance of the historical-materialist approach for the scientific production of Heleieth Saffioti, a pioneering feminist researcher in the investigation of gender relations in Brazil, whose theoretical basis launched has a great impact on social sciences, especially for the debates of gender, social class and race.

Keywords: Heleieth Saffioti. Feminism. Marxism. Method.

INTRODUÇÃO

Em que pese as discussões acerca da combinação das categorias gênero, raça e classe social, ter ganhado destaque das ciências sociais apenas recentemente, em especial com adventos de termos como interseccionalidade e consubstancialidade, há um longo percurso feito por feministas, ativistas do movimento negro e marxistas para evidenciar a necessidade de análises que considere as convergências das contradições sociais típicas das sociedades capitalistas.

Entre as mais proeminentes do Brasil, está Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934-2010), pioneira na investigação das relações de gênero no Brasil, lançando mão da abordagem materialista histórica, formulou a metáfora do nó embrião dos debates da interseccionalidade.

Dessa maneira, o intuito deste ensaio é mostrar como o pensamento de Saffioti pode ser relevante não apenas como aporte empírico para fortalecer a luta feminista, mas sendo capaz de contribuir para a sociologia brasileira em geral.

* Graduada em Direito pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestranda em Política Social pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). E-mail para contato: saracristinamartins96@gmail.com



A OBRA E AS PERSPECTIVAS DE HELEIETH SAFFIOTI

Para iniciarmos a discussão a respeito da perspectiva marxista de Heleieth Saffioti a respeito das relações de gênero, é necessário apresentar a autora primeiro.

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934-2010) foi socióloga marxista que dedicou durante sua vida a pesquisar as relações e opressões de gênero no interior da sociedade capitalista. Uma de suas obras mais conhecida “Gênero, patriarcado, violência” (2004) é uma pesquisa que além de dados, traz importantes conceituações teóricas sobre as variadas formas de violências contra a mulher em termos históricos e materiais, buscando conceituar adequadamente todas as dinâmicas de exploração-dominância desenvolvidas pelo patriarcado.

Nesta obra, também é possível compreender claramente os posicionamentos teóricos da Saffioti, a partir de uma perspectiva que observa os problemas estudados de forma estrutural, especialmente, pontuando sua perspectiva marxista.

A autora, ao comentar sobre a produção científica feminista da década que 1970 período que despontavam os estudos sobre mulher, sustenta que muitas feministas acusaram o pensamento marxista de ser *sex-blind* (cego para o gênero), posição que prosperou até os dias atuais. Saffioti, no entanto, aponta que o marxismo, assim como a psicanálise, no século XX se tornaram pensamentos dominantes da época. Porém, enquanto o pensamento psicanalítico foi subversivo e conservador, o pensamento marxista não se aplica ao segundo termo. De modo que a psicanálise se enquadrava no *status quo*, ao que Foucault (1976) chama de edipianização do agente social, ou seja, sua sujeição à lei do pai; de outro modo o marxismo não se prende a ele,

As críticas a ele dirigidas, no passado e no presente são superficiais, não atingindo sequer sua epistemologia. Não se conhece nenhuma abordagem ontológica da obra de Freud, certamente em razão da ausência de uma ontogênese. É o próprio conteúdo das categorias do pensamento marxiano, responsável pelo processo de conhecimento que é posto em xeque. As assim denominadas suspeitas, e até mesmo recusas veementes, com relação às explicações universais, não justificam a acusação de que os conceitos marxistas são incapazes de perceber gênero (SAFFIOTI, 2004, p. 98).

Quando analisamos a trajetória do movimento feminista, percebemos que de sua gênese, até o final do século XX, a maioria de suas mais proeminentes participantes eram mulher brancas de classe média alta, com acesso à universidade e que assim gozavam de privilégios de classe característicos da modernidade. Não é de se estranhar, portanto, a relutância em aderir as críticas à sociedade de classe inerentes do pensamento marxista.



Diferentemente da crítica direcionada às perspectivas marxistas, feministas weberianas, por vezes ignoram o relativismo aplicado por Weber, que está na base de porção significativa dos pensadores pós-modernos. A “subjetividade instauradora de significado” como alicerce da dominação, permite afirmar que “o sentido empírico específico das relações de dominação é produzido pela atividade empírica de uma subjetividade” (SAFFIOTI, 2004, p. 98). Indaga-se se os tipos ideais propostos por Weber podem ser aplicados corretamente em situações distintas daquelas com base nas quais foram formuladas.

Saffioti aponta que Weber analisa as bases da legitimidade recorrendo a fatos que sempre reduzem à subjetividade, a auto justificação se torna processo pelo qual cria-se leis universais que naturalizam as desigualdades, nesse sentido, a tradição opera como princípio teórico.

Grande conhecedora da obra de Weber (1964; 1965), Maria Sylvia de Carvalho Franco (1972) mostra como o ordenamento dos fenômenos sociais é feito com princípios a priori, não apenas pelo autor em questão como também por outros idealistas filiados ao pensamento kantiano. A autora detecta, no pensador em pauta, a presença de uma “subjetividade instauradora de significados” como alicerce do objeto, o que lhe permite afirmar, a respeito da tipologia da dominação, que o sentido empírico específico das relações de dominação é produzido pela atividade empírica de uma subjetividade. Este mesmo sentido define o objeto e constitui a auto justificação por meio da naturalização das desigualdades. Weber analisa, assim, as bases da legitimidade recorrendo a fatos sempre redutíveis à subjetividade, inscrevendo-se a auto justificação como processo pelo qual se erige em lei universal o conceito subjacente à dominação (SAFFIOTI, 2004, p. 98-99).

Deste modo, a autora, mesmo reverenciando as contribuições das proeminentes autoras feministas da década de 1970, faz acréscimos ao pontuar que não se pode promover uma crítica ao patriarcado, sem considerar o envolvimento com as opressões de classes sociais e raças.

Não basta ampliar o campo de atuação das mulheres. Em outras palavras, não basta que uma parte das mulheres ocupe posições econômicas, políticas, religiosas etc., tradicionalmente reservadas aos homens. Como já se confirmou, qualquer que seja a profundidade da dominação-exploração da categoria mulheres pelos homens, a natureza do patriarcado continua a mesma. A contradição não encontra solução neste regime. Ela admite a superação, o que exige transformações radicais no sentido da preservação das diferenças e da eliminação das desigualdades, pelas quais é responsável a sociedade. Já em uma ordem não-patriarcal de gênero a contradição não está presente. Conflitos podem existir e para este tipo de fenômeno há solução nas relações sociais de gênero isentas de hierarquia, sem mudanças cruciais nas relações sociais mais amplas (SAFFIOTI, 2004, p. 107).

Assim, existe não só uma hierarquia entre sexos, como também contradições diversas dentro da dinâmica de dominação-exploração instaurada na sociedade moderna que desafiam a investigação social.



O MÉTODO DE MARX E A INVESTIGAÇÃO SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO

Engendrar esforços para aprimorar as formas de investigação social se fazem sempre necessárias, especialmente com a atualização de novas categorias sociais, marcadores de diferença e as múltiplas formas como a questão social se expressa no tempo presente.

Acompanhamos a participação cada vez mais ativa de novos atores sociais na produção das ciências, com o aumento do número de pesquisadoras, negras, indígenas, quilombolas, LGBTQIA+ e tantos outros que trazem novos olhares para a investigação social.

O método marxista tem desempenhado importante função na leitura da realidade nas últimas décadas, pois enquanto instrumento de análise envolve elementos que podem ser mediados para a efetivação de processos de análise e intervenção. Em tal método, o pesquisador apropria-se das categorias que emanam da realidade, do objeto que é da ordem da realidade, no caso de próprio Marx, a produção material; segundo João Paulo Netto, no Livro “Introdução” (1857), o autor define claramente a concepção teórico-metodológica, “para elaborar a reprodução ideal (a teoria) do seu objeto real (que é a sociedade burguesa), Marx descobriu que o procedimento fundante é a análise do modo pelo qual nele se produz a riqueza material” (NETTO, 2011, p. 39).

Nesse sentido, a pesquisa a partir do método marxista utiliza de uma categoria da realidade para explicar o movimento de constituição dos fenômenos, a partir de sucessivas aproximações e da constituição de totalizações provisórias, passíveis de superação sistemática, uma vez que históricas.

A perspectiva dialética consiste, antes de tudo, em ver a vida como movimento permanente, como processo e provisoriedade, o que precisa ser contemplado na análise das formas e fenômenos sociais, de modo a superar uma visão estagnada de estados na medida em que se reconhece o movimento, o devir, que será novamente negado para que o próprio movimento siga seu curso. (PRATES, 2012, p. 118).

Retornando a análise da produção de Saffioti. Em 1991 a autora se dedicou em escrever o artigo intitulado “Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero” onde podemos conhecer com profundidade o tratamento dado a categoria gênero como estrutural de sua obra, dando especial enfoque ao estado da arte da investigação a respeito do tema.

Inicialmente, situando a crítica feminista em oposição à razão cartesiana, num exercício de explorar alternativas ao tradicional enfoque do conhecimento na mente, propondo “lidar não apenas com o corpo, mas com muitos corpos: o corpo enquanto locus da práxis social, enquanto texto cultural, enquanto construção social” (SAFFIOTI, 2001, p. 143).



Em suma, a autora aponta que a razão cartesiana resumiu o mundo em duas ordens ontológicas: o humano e o natural. Apontado o espírito e o corpo como qualidades opostas, cuja dicotomia não é passível de superação, portanto, anti-dialéticas.

Segunda uma abordagem materialista histórica das relações de gênero, na contradição dialética, a complexidade necessária de uma realidade bem desenvolvida, existente entre gênero, classe social e raça,

As classes sociais, assim como as categorias de gênero e as etnias, mantêm relações contraditórias, embora também apresentem traços comuns, ao passo que as oposições da moderna ciência objetiva não estabelecem, rigorosamente, nenhuma relação substancial, porquanto cada polo é qualitativamente diferente do outro. As diferenças entre o racional e o emocional, entre o espiritual e o corporal, entre o eu e o outro residem a nível de essência (SAFFIOTI, 2001, p. 147).

Portanto, a perspectiva político-científica do feminismo sobre a investigação das relações de gênero, segundo a autora, expõe o caráter social do sujeito – homem e mulher como agentes sociais que agem a partir de posições diferentes ou desiguais – das relações de gênero, classe e raças.

E é justamente por conta da natureza desigual das relações de gênero, assim como das outras categorias, que a mulher desenvolve um ponto de vista menos parcial e mais confiável. Apresenta-se menos cindidas, menos alienadas e portanto, a ótica feminista na formulação das teorias críticas exige uma base interpretativa mais ampla do que a requerida pelo positivismo, a tarefa de reinterpretação e refinamento das emoções do pesquisador “constitui passo necessário da investigação teórica, da mesma forma como a reeducação das emoções do agente social (o pesquisador é simultaneamente agente social) é necessária para sua atividade política” (SAFFIOTI, 2001, p. 150).

Nesse sentido é que José Paulo Netto também escreve:

o pesquisador só será fiel ao objeto se atender a tal imperativo (é evidente que o pesquisador é livre para encontrar e explorar outras vias de acesso ao objeto que é a sociedade e pode, inclusive, chegar a resultados interessantes; entretanto tais resultados nunca permitirão articular uma teoria social que dê conta dos níveis decisivos e da dinâmica fundamental da sociedade burguesa) (NETTO, 2011, p. 48).

A teoria crítica feminista exposta por Saffioti, enquanto perspectiva política-científica, possui fundamentos na realidade material do sujeito, este sujeito, tanto coletivamente como individualmente, não é senão história de suas relações sociais. Deste modo, ela apresenta essas três categorias, classe social, gênero e raça, como constituintes do sujeito e conseqüentemente, como fundamento da análise das condições materiais da vida social das relações de gênero.



A METÁFORA DO NÓ

Com o desenvolver de sua obra, a autora foi aprofundando sua análise de categorias que compõem o movimento compreensão das condições materiais da vida social das relações de gênero. A partir dos anos 1990, a autora desenvolve a teoria do nó, constituído pelas três contradições sociais básicas: gênero, raça/etnia e classe social (SAFFIOTI, 1987; 1992; 1993; 2004). Combinado com estudos acerca da violência doméstica.

É na metáfora do nó que constrói a abstração perfeita fundada na teoria marxista. No início de sua trajetória acadêmica, a autora reconhece que tinha pouco conhecimento sobre Marx e Marxismo (GONÇALVES; BRANCO, 2011). Não é por acaso que conforme a autora foi se aproximando do método marxista, também tenha dado os primeiros passos na formulação da metáfora do nó.

Pontuamos a seguir as apreensões de Saffioti sobre cada uma das categorias.

No que se refere a questão de gênero, a autora aponta que a exploração de gênero está intimamente ligada ao desenvolvimento do capitalismo, de modo que não se trata apenas de um sistema de dominação, modelado pela cultura sexista. Mais do que isso, também é um sistema de exploração, sendo, portanto, seus efeitos sentidos não somente nos campos políticos e ideológicos, mas também no terreno econômico.

A subordinação da mulher ao homem no campo econômico se mobiliza no interior do sistema capitalista. Nesse espaço, a exploração da mão de obra feminina é significativamente maior no mercado informal, exercendo atividades que, na maioria das vezes, os capitalistas não tiveram interesse de explorar, a exemplo do trabalho doméstico, que até 2014 permaneceu sem regulação trabalhista, trabalhos clandestinos que podem ser realizados dentro do próprio lar, ou quando fora de casa, possibilitam um horário mais flexível, para que assim possa ser conciliado com ao afazeres domésticos, como também, trabalhos relacionados ao cuidado e a reprodução.

Enquanto que, o preconceito racial, no Brasil é negado, porém intrinsecamente ligada às práticas sociais, que se refletem nas estatísticas que apontam que a população negra está nas ocupações menos prestigiadas e mais mal remuneradas, possuem baixo grau de escolaridade e não participam do poder político. Nesse contexto, a mulher negra é que ocupa a pior posição, vítima da dupla discriminação enquanto mulher e negra.

Sobre a mulher negra, o homem branco cravou o mito da negra ou mulata sensual, que justificou a exploração sexual em todos os níveis da sociedade e sendo constantemente reforçado pela mídia. A discriminação, qualquer que seja, serve para introduzir diferenciações entre os sujeitos, no mercado de trabalho isso acaba por gerar outra categoria de opressão sobre a mulher negra, a pobreza, ao que



recebem salários ínfimos e convivem frequentemente com o desemprego. De duplamente, passam a triplamente discriminada, pois soma-se a miséria à raça e ao gênero.

As classes sociais, na visão da autora, são típicas expressões do regime capitalista. As classes dominantes, não são homogêneas, ou seja, apresentam diferenciações internas que não se pode ignorar, porém têm em comum, sua competência para dominar e explorar a classe trabalhadora. A subordinação da classe trabalhadora é essencial para a exploração do dominante, sendo assim, a domesticação da classe dominada vem através da disciplina que os trabalhadores precisam ter no ambiente de trabalho.

Tampouco as classes dominadas são homogêneas, pois constituem de diferentes tipos de trabalhadores, com diferentes graus de qualificação, inseridos em distintas maneiras no sistema produtivo. Mas possuem em comum o desejo pela maior socialização dos meios de produção, o que a longo prazo representa a luta pela destruição do regime de divisão da sociedade em classes sociais. Assim, há uma profunda contradição entre dominados e dominadores. Estes últimos, embora sejam minoria, prevalecem seus interesses, por serem detentores do poder econômico e político.

Habitando um meio termo, há a complexa relação da classe média. É uma classe de trabalhadores que não estão diretamente ligados à produção material, incapazes de, diretamente, gerar lucro para seus patrões, cuja função está mais voltada a contribuir para que o trabalhador diretamente engajado na produção material se torne crescentemente mais produtivo, aumentando assim o lucro do patrão.

Em geral, a classe média atua em áreas que exigem maior qualificação e sua grande aspiração é subir na vida, através da conquista de um bom emprego que lhe assegura um bom salário. Deste modo, mesmo que tenha em comum com a classe trabalhadora o fato de ambas serem exploradas pelas classes dominantes, a classe média aspira acentuar sua distância com a classe trabalhadora (SAFFIOTI, 2004).

A análise da autora sobre os três sistemas de dominação-exploração busca compreendê-los enquanto sistemas interligados numa relação de simbiose que torna impossível responsabilizar isoladamente tais sistemas, fundidos no patriarcado-racismo-capitalismo em relação às discriminações praticadas contra mulheres, caracterizado o nó.

Estas contradições, tomadas isoladamente, apresentam características distintas daquelas que se pode detectar no nó que formaram ao longo da história (SAFFIOTI, 1997b). Este contém uma condensação, uma exacerbação, uma potenciação de contradições. Como tal, merece e exige tratamento específico, mesmo porque é no nó que atuam, de forma imbricada, cada uma das contradições mencionadas (SAFFIOTI, 2004).

Na obra “Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento”, Saffioti (2000) afirma que:



A sociedade não comporta uma única contradição. Há três fundamentais, que devem ser consideradas: a de gênero, a de raça/etnia e a de classe. Com efeito, ao longo da história do patriarcado, este foi se fundindo com o racismo e, posteriormente, com o capitalismo, regime no qual desabrocharam, na sua plenitude, as classes sociais (SAFFIOTI, 2000, p. 71).

Assim, os escritos de Marx oferecem instrumentos para teorização sobre gênero, raça e classe, enquanto eixos estruturantes da sociedade. Indica que há uma estrutura de poder que unifica as três ordens, de modo que a análise das relações de gênero não pode prescindir, de um lado, a análise das outras contradições e de outro a recomposição das totalidades das contradições, enquanto contradições sociais básicas da nova realidade. E parafraseando Marx (1975),

pode-se afirmar que é este novo arranjo que permite compreender sociedades igualitárias, não baseadas no controle, na dominação, na competição. A organização das categorias históricas no interior de cada tipo varia necessariamente. Assim, da mesma forma como a anatomia do homem é a chave para a compreensão da anatomia do símio, a sociedade burguesa constitui a chave para o entendimento das sociedades mais simples. Cabe ressaltar também, seguindo-se este método, que a análise das formas mais simples de organização social só é possível quando a forma mais desenvolvida de sociedade se debruça sobre si mesma como tema de pesquisa e compreensão (SAFFIOTI, 2004, p. 126).

O patriarcado gera sua correspondente estrutura de poder, que penetrou todas as esferas da vida social, do mesmo modo, o capitalismo mercantiliza todas as relações sociais, entre elas as relações de gênero. Da mesma forma a raça, implica em termos de discriminação, a manutenção de estrutura de poder, que imprime sua marca no corpo social, aprofundamento as desigualdades. Combinadas, as três categorias representam a “dinâmica espacial própria do nó”.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos a obra de Heleieth Iara Bongiovani Saffioti, notamos que a perspectiva teórico-metodológica do materialismo histórico oferece instrumentos necessários à crítica feminista e as ciências sociais como um todo, para a apreensão da realidade através das formas de opressão e exploração típicas das sociedades capitalistas. Assim por derradeiro, Saffioti busca produzir uma teoria explicativa de uma nova concepção da história com base nas categorias de gênero, raça e classe social, fundamentada na concepção marxista de que as relações sociais são determinadas pelas condições materiais de produção e reprodução existentes. Sendo imprescindível a compreensão dessas categorias de forma não fragmentada.



REFERÊNCIAS

GONÇALVES, R.; BRANCO, C. “Entrevista – Heleieth Saffioti por ela mesma: antecedentes de ‘A mulher na sociedade de classes’”. **Lutas Sociais**, n. 27, 2011.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PRATES, J. C. “O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária”. **Textos & Contextos: Porto Alegre**, n. 1, vol. 1, 2012.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, H. “Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero”. *In*: MORAES SILVA, Maria Aparecida de (org.). **Mulher em seis tempos** - Seminário Temático II. Araraquara: UNESP, 1991.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. “Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?” **Crítica Marxista**, vol. 1, n. 11, 2000.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 9 | Nº 25 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima